

K6P01765

Dois candidatos da Reserva da Guarita, em Miraguaí, podem ser os primeiros vereadores verdadeiramente índios do Estado. Ambos pretendem defender sua cultura

DOIS CAINGANGUES NA DISPUTA

Em Miraguaí indígenas concorrem a vereador



Domingos Ribeiro, ex-cacique é semi-alfabetizado



Chiquinho, primo de Domingos, possui segundo grau completo

Por LUIZ OSCAR MATZENBACHER
Enviado Especial/ZH

Dois indígenas que vivem na Reserva da Guarita, podem ser os dois primeiros vereadores verdadeiramente índios do Estado. Nos 24 mil hectares da reserva indígena, no município de Miraguaí, os dois candidatos caingangues disputam acirradamente os votos dos 340 eleitores, entre os 2.117 índios que vivem no todo. Domingos Ribeiro - ex-cacique, semi-alfabetizado, concorre pela coligação PFL/PDS e Francisco Ribeiro, o "Chiquinho", primo de Domingos, segundo grau completo, disputa pelo PMDB.

Na plataforma de ambos, o principal ponto programático é a melhoria das condições de vida dos silvícolas, explorados pelos brancos que arrendam suas terras, pagando a dinheiro e parceladamente, o que corrói os ganhos dos proprietários, em consequência da inflação.

Em Miraguaí são necessários 140 a 150 votos para eleger um vereador e se os dois candidatos simplesmente conseguissem dividir os 340 votos da reserva, estariam eleitos. Mas ao que tudo indica, índio não vota em índio. Vota nos brancos. E por incrível que pareça, os brancos, colonos da região, votam nos índios, como uma forma política de buscar boas relações para manter o sistema de arrendamento, onde ao contrário do usual no Brasil, o explorado é o proprietário das terras, no caso os índios.

Esperanças

Nas últimas eleições, Domingos foi candidato. Obteve 98 votos. Sendo 18 de índios e 78 votos de brancos, segundo os cálculos que faz, a partir

dos locais onde estavam instaladas as urnas: "Desta vez, no meu reduto, a Reserva da Guarita, vamos ver se o índio vota hoje em índio e eu faço pelo menos 200 votos. E assim me elegerei."

Francisco Ribeiro (PMDB) também espera fazer 200 votos na reserva e mais alguns votinhos de índios que moram fora do todo. Chiquinho mora dentro da reserva, participa das discussões dos problemas e tem em seu apelo dois eficientes cabos eleitorais - seus dois filhos, que estudam técnicas agrícolas e estão fundando a associação dos estudantes indígenas do Rio Grande do Sul.

O pai, Chiquinho, apela a iniciativa dos filhos: "Chegou a hora do índio começar a cuidar de sua própria vida. Veja aqui na Guarita, nós somos obrigados a arrendar as terras porque não conseguimos financiamento bancário. A Funai não autoriza que o índio busque dinheiro nos bancos para comprar máquinas agrícolas, adubo, calcário, e boas sementes. Daí, a única saída que temos é arrendar para os colonos".

Por isto o programa de Chiquinho prevê a utilização de sua tribuna na Câmara de Vereadores de Miraguaí para obter recursos para desenvolver projetos de piscicultura, apicultura e diversificação agrícola dentro da reserva e, assim, poder tirar os índios da dependência das monoculturas de trigo e soja. "Um programa importante para nós e que precisa ser ampliado é o das vacas leiteiras que a LBA está desenvolvendo. Já temos leite para o consumo. Nossas crianças já estão mais gordinhas. Já vão ao colégio com mais disposição. Temos que acabar com a discriminação contra o índio. É uma discriminação econômica. A pior das discriminações."

APEDIDO

Tribo hoje está dominada pelos brancos

A tribo, já dominada pela cultura do branco, não tem condições de viver na selva, que foi destruída pelos madeireiros. "Miraguaí tem 24 mil hectares", diz Chiquinho, "mas 11 mil são arrendados. O índio arrenda, mas deixa o colono pagar em dinheiro. E o dinheiro não acompanha a inflação. Quando o branco está colhendo o índio já não tem mais dinheiro. Isto acontece porque nós não temos máquinas. Há muito tempo atrás a Funai dava máquinas. Agora, para comprar máquinas precisamos da licença da Funai. Como a Funai não autoriza e as terras já estão desmatadas, o índio só tem a alternativa de arrendar. E a Funai não fiscaliza os arrendamentos. Como a maioria dos índios não tem instrução, acaba perdendo

dinheiro para os brancos."

O Caingangue denuncia o que chama de "discriminação política", que diz existir dentro de outra reserva, a de São João do Irapuan, onde "quem não vota nos candidatos do PFL, está sendo ameaçado de expulsão pelo cacique Ivo Ribeiro, muito fanático pelo PFL."

Na reserva do Irapuan, conforme Chiquinho, moram mais de 100 eleitores: "São 100 votinhos que poderiam vir para mim, mas eu nem posso entrar lá dentro porque se o Ivo enxergar algum índio do Irapuan conversando comigo, pode expulsar toda a família lá de dentro. E isto é proibido pela Funai. Mas ninguém toma providências", reclama. fiscaliza os arrendamentos. Como a maioria dos índios não tem instru-

ção, acaba perdendo dinheiro para os brancos."

O Caingangue denuncia o que chama de "discriminação política", que diz existir dentro de outra reserva, a de São João do Irapuan, onde "quem não vota nos candidatos do PFL, está sendo ameaçado de expulsão pelo cacique Ivo Ribeiro, muito fanático pelo PFL."

Na reserva do Irapuan, conforme Chiquinho, moram mais de 100 eleitores: "São 100 votinhos que poderiam vir para mim, mas eu nem posso entrar lá dentro porque se o Ivo enxergar algum índio do Irapuan conversando comigo, pode expulsar toda a família lá de dentro. E isto é proibido pela Funai. Mas ninguém toma providências", reclama.

Índios votam em sua reserva

Por ROSELAINE WANDSCHEER
Enviada Especial/ZH

A nova Constituição garante aos índios votar em sua própria reserva. A novidade trouxe muita alegria aos 270 dos mil eleitores que conseguiram transferir o título a tempo no posto indígena da Funai em Nonoai. A reserva é formada por aproximadamente 800 famílias, que vivem ainda nos municípios de Alpestre e Planalto, sendo que 100 delas estão concentradas no posto. Eles sabem que o prefeito pouco pode fazer para ajudá-los, já que a administração é da Funai, mesmo assim reivindicam melhorias nas estradas (fica a seis quilômetros de Nonoai), mais casas (em algumas chegam a morar três famílias) e assistência odontológica. O posto é atendido por dois enfermeiros, um médico faz uma visita por semana e o local tem um técnico de agricultura permanente. Há ainda

uma igreja para os católicos e uma casa de oração para os evangélicos, além de uma escola de primeiro grau incompleto, onde também é ensinada a língua caingangue, ainda muito difundida entre os adultos. O cacique Antonio Tomaz Pereira, 38 anos, reclama dos poucos recursos do governo, mas está muito satisfeito com a realização de um antigo sonho: hoje começa a demarcação das terras que ainda lhes sobraram, depois de muitas invasões de outros colonos. Darci Camillo, 42 anos, vice-cacique, cabo eleitoral do PDS, explica que quando o posto indígena foi criado, em 1911, tinha cerca de 35 mil hectares, que passaram para 19.998 em 1949, e agora restam apenas 12.910. O povoado sediou diversos comícios, mas já está acostumado às promessas sem retorno dos políticos. Os caingangues "desconfiam quando as promessas são muitas", explica a mulher do cacique, Eleonida Farias, de 28 anos.